

REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA LITERATURA GREGA

Maria Leonor Santa Bárbara

“Não me elogies a morte, glorioso Ulisses! Preferia, sendo um trabalhador da terra, servir a outro, um homem sem posses, do que, não tendo mais vida, ser rei de todos os mortos que pereceram.”

(Homero, *Odisseia*, XI. 488-491)

A morte é, sem dúvida, uma das questões que mais afecta o ser humano. O seu desconhecimento, o facto de poder ser o fim da vida, ou uma passagem para outra, são questões sem resposta definitiva. Entre os diversos povos que se preocupam com ela encontram-se os Gregos, que a abordaram de formas diversas.

Nos Poemas homéricos, mais particularmente na *Ilíada*, vemos a morte encarada como um meio para alcançar a imortalidade. Obviamente que não era a morte em si, mas o modo como ela era alcançada: os heróis realizavam feitos célebres em combate, conscientes de que um dos riscos era a possibilidade de perder a vida. No entanto, a coragem e o valor demonstrados em vida garantiam-lhes uma fama perene entre os vindouros. Também nos poetas elegíacos se manteve esta visão da morte resultante da coragem demonstrada em combate.

Mas, entretanto, começa a surgir uma nova concepção de vida. Já na *Odisseia* nos deparamos com o lamento de Aquiles pela sua vida breve. Em Eurípides, por exemplo, encontramos uma clara oposição entre a doçura da vida e a inexistência subjacente à morte. Será esta a visão prevalecente na literatura grega. E é dela que este conjunto de excertos de diversos autores pretende dar uma visão.

Esta tradução reúne passagens de vários autores gregos, em especial os do período helenístico. Alguns destes textos incluem-se na dissertação de doutoramento, precisamente com o objectivo de clarificar a concepção que os Gregos tinham da morte. Nem todos têm o mesmo carácter: alguns epigramas da *Antologia Grega* apresentam

um carácter intimista, pessoal, lamentando a morte de jovens, de familiares, de amigos muito próximos ou até de amantes.

1. Importância da vida

a) Eurípides, *Alceste*, 692-693 (Feres)¹:

“Na verdade, considero longo o tempo que se está debaixo da terra; a vida é curta, mas, no entanto, doce.”

b) Eurípides, *Orestes*, 1033-1034 (Electra):

“Não sou capaz de não chorar a desgraça. Na verdade, lamentavelmente a vida é querida a todos os mortais.”

c) Eurípides, *Suplicantes*, 775-777 (Adrasto):

“Este bem é o único, para os mortais, que, uma vez perdido, não é possível retomar – a vida humana. Existem meios para alcançar as riquezas.”

2. A morte como inexistência

a) Epicuro, *Carta a Meneceu* (D.L. X. 124):

“Todo o bem e todo o mal residem na sensação; ora a morte é a privação da sensação.”

b) Epicuro, *Carta a Heródoto* (D.L. X. 125):

“A morte nada é para nós, pois quando nós existimos, ela não está presente; quando ela está presente, então já não existimos.”

¹ Nas passagens extraídas de tragédias é indicado entre parêntesis o nome da personagem por quem são pronunciadas.

c) Epicuro, *Máximas Capitais*, 2 (D.L. X. 139):

“A morte nada é para nós, porque o que está dissolvido é insensível e o que é insensível nada é para nós.”

d) Eurípides, *Alceste*, 527-528:

“Admeto: O que há-de vir está morto, e o que morreu já não existe.

Hércules: Considera-se separadamente o que existe e o que não existe.”

e) Eurípides, *Ifigénia em Áulis*, 1249-1252 (Ifigénia):

“Resumindo tudo numa palavra, vencerei: para os homens, ver esta luz é muito doce; lá em baixo não há nada. Delira aquele que deseja morrer! Viver miseravelmente é melhor do que morrer com glória!”

f) *Antologia Palatina*, VII. 646:

“Érato disse ao pai querido estas últimas palavras, abraçando-o com ambos os braços, e vertendo lágrimas abundantes. «Ó pai, já não existo! Já a negra morte me cobre os olhos azuis, a mim que estou morta.»”

g) *Antologia Palatina*, VII. 524:

“– É debaixo de ti que repousa Cáridas?

– Se falas do filho de Arimas de Cirene, está debaixo de mim.

– Ó Cáridas, que há aí em baixo?

– Grandes trevas.

– E caminhos de regresso?

– Tudo mentira.

– E Plutão?

– Um mito. Não somos mais nada: esta é a minha resposta sincera. Mas se queres uma mais agradável, há no Hades um grande boi de Pela.”

3. O sofrimento da morte

a) *Antologia Palatina*, VII. 490:

“Choro a virgem Antíbia, a casa de cujo pai acorreram inúmeros pretendentes, atraídos pela fama de beleza e de sabedoria. Mas a Moira funesta fez rolar para longe as esperanças de todos.”

b) *Antologia Palatina*, VII. 453:

“Aqui um pai depôs o seu filho de doze anos, a sua grande esperança, Nicóteles.”

c) *Antologia de Planudes*, 133:

“Porque elevas para o Olimpo, mulher, uma mão impudente, deixando cair piedosamente de uma ímpia cabeça a cabeleira? Vendo com inquietação, ó mãe de inúmeros filhos, toda a cólera de Leto, chora agora a tua disputa amarga e insensata. Das tuas filhas, uma palpita perto de ti, outra jaz sem vida, a uma outra, ainda, ameaça a dura morte. E este ainda não é, para ti, o fim dos sofrimentos: jaz também o enxame viril dos teus filhos mortos. Ó tu, que choras a desgraçada descendência, que te possas tornar numa pedra sem vida, Níobe, atormentada pela dor.”

d) *Antologia Palatina*, VII. 517:

“Ao amanhecer sepultámos Melanipo, e ao pôr-do-sol a jovem Básilo matou-se pela própria mão. De facto, depois de ter colocado o irmão na pira, não suportou mais viver. A casa do pai, Aristipo, viu uma

dupla infelicidade; e Cirene toda se entristeceu, ao ver deserta a casa onde havia tantas crianças.”

e) *Antologia Palatina*, VII. 468:

“Lamentável presente a Hades, Caríxeno, a tua mãe cobriu-te com o manto, a ti com 18 anos. Certamente até uma pedra seria capaz de gemer, quando os teus companheiros, com lamentos, levavam de casa o teu cadáver. Os teus pais soltavam gemidos de dor, e não entoaram o himeneu. Ai! As graças enganadoras dos seios e as vãs dores do parto! Ai, Moira funesta para a jovem, estéril tu reduziste a nada o afecto da procriação. Àqueles que a tinham conhecido resta o lamento, aos pais o luto, aos que, não a tendo conhecido, souberam, a piedade.”

4. A morte como forma de alcançar a glória

a) Eurípides, *Os Heraclidas*, vv. 547-551 (Macária):

“Eu não quero morrer escolhida pelo destino, pois isso não tem mérito! Não digas nada, velho. Mas se aceitardes e quiserdes usar a minha dedicação, eu dou a minha vida voluntariamente, não obrigada.”

b) *Antologia Palatina*, VII. 724:

“Proarco, enviaram-te na flor da idade, criança, e morrendo causaste à casa de Fídias, teu pai, uma negra dor. Mas, por cima de ti, uma pedra proclama estas belas palavras: que morreste combatendo pela pátria querida.”

c) *Antologia Palatina*, VII. 492:

“Estamos mortas, Mileto, pátria querida, evitando a ímpia infâmia dos Gálatas sem lei, três jovens cidadinas que o violento Ares dos Celtas

impeliu para este destino. Não esperámos o sangue ímpio nem o himeneu, mas encontrámos em Hades um esposo, um protector.”

d) *Antologia Palatina*, VII. 242:

“Estes foram recobertos pela cinza sombria, ao salvar a pátria, que tinha ao pescoço uma deplorável corrente; ela recebeu um grande louvor pela sua virtude. Que cada cidadão, ao vê-los, tenha coragem para morrer pela pátria.”

e) *Antologia Palatina*, VII. 351:

“A ti, que tremeste diante do dever, a tua própria mãe, que te tinha dado a vida, Demétrio, deu-te a morte, enterrando um ferro no fundo dos teus flancos. E agarrando o ferro molhado, cheio do sangue do filho, dizia, rangendo ruidosamente os dentes espumosos, olhando com ar irritado como uma Lacedemónia: «Deixa o Eurotas e vai para o Tártaro! Já que conhecestes a miserável fuga, não és meu filho, nem Lacedemónio!»”

5. A morte como libertação

a) Eurípides, *Hécuba*, 346-360; 362-368 (Políxena):

“Seguir-te-ei, não só porque é necessário que morra, mas porque o desejo; se o não quisesse, pareceria uma mulher cobarde e agarrada à vida. E porque seria preciso que vivesse? O meu pai era senhor dos Frígios: este foi para mim o início da vida; depois, fui criada no meio das melhores esperanças – noiva prometida a reis, provocando grande inveja pelo meu casamento; para que casa, para que lar iria? Na verdade, era senhora, infeliz, das mulheres do Ida e, entre as jovens, eu atraía os olhares, igual aos deuses, excepto por morrer. E agora sou escrava. Primeiro, este nome faz com que eu deseje morrer, pois não me é habitual; e depois talvez eu encontrasse um senhor cruel que me

compraria por uma certa quantidade de dinheiro, (...), que me imporia a necessidade de fazer o pão em sua casa, que me obrigaria a limpar a casa e a trabalhar no tear passando dias deploráveis. Um escravo, comprado em qualquer lado, desonraria o meu leito, antigamente considerado digno de reis! Não! Extinguirei em liberdade o brilho dos meus olhos, dando o meu corpo a Hades.”

6. Altruísmo na morte

a) *Antologia Palatina*, IX. 95:

“Coberta pelos flocos da neve invernal, uma galinha envolvia os filhos, no ninho, com as asas, até que o frio a matou. Na verdade, permanecia ao frio, fazendo frente às nuvens do céu. Procne e Medeia, vós que fostes mães, envergonhai-vos, no Hades, ao saberdes das acções das aves.”

7. Formas de morte

– Morte prematura

a) *Antologia Palatina*, VII. 662:

“Esta criança partiu para o Hades prematuramente, no seu sétimo ano, antecipando-se em muito na idade, infeliz!, lamentando o irmão de vinte meses que, ainda criança, foi alimento da morte impiedosa. Ai! Perístera, que sofreste tal infortúnio!, como o destino colocou os mais terríveis males à disposição dos homens!”

b) *Antologia Palatina*, XI. 23:

“Os sábios astrólogos predizem-me uma morte prematura. Seja! Mas não me preocupo com isso, Seleuco. Só existe uma descida ao Hades para todos nós; se a nossa for mais rápida, mais depressa veremos

Minos. Bebamos! Na verdade, o vinho é o cavalo para o verdadeiro caminho, enquanto os peões têm uma vereda para o Hades.”

– Morte funesta

a) *Antologia Palatina*, VII. 376:

“Infelizes, porque é que erramos, confiando em esperanças vãs, esquecidos da morte funesta? Este Seleuco era perfeito em tudo – nas palavras e no carácter. Mas pouco gozou a juventude e jaz nos confins da Ibéria, longe de Lesbos, estrangeiro na costa imensa.”

b) *Antologia Palatina*, IX, 570:

“Xanto, modelada em cera, com pele perfumada, com ar de Musa, bem falante, imagem bela dos Desejos alados, toca para mim, com as mãos humedecidas de perfume; é num leito individual, feito de pedra, que um dia terei de dormir, durante longo tempo, um sono sem fim. Canta de novo para mim, Xantáron, sim, sim, este doce canto. Não ouves, homem? Vem aí o usurário! É num leito individual de pedra, que deverás viver para sempre, desgraçado!”

c) *Antologia Palatina*, VII. 519:

“Quem conhece bem a sorte de amanhã, quando até a ti, Cármis, – que ontem estavas diante dos nossos olhos –, nós, chorando, te sepultámos no dia seguinte? Diofonte, teu pai, não viu uma desgraça mais penosa do que esta.”

– Morte no mar

a) *Antologia Palatina*, IX. 23:

“O agricultor Arquipo, precisamente quando, devido a uma grave doença, deixava a vida indo para o Hades, falou assim aos seus filhos: «Ai, queridos filhos!, amai-me a enxada e a vida de agricultor. Não escolhais o doloroso trabalho do mar incerto e o pesado sofrimento de uma navegação funesta. Tal como uma mãe é mais doce do que uma madrasta, também a terra é mais desejável do que o branco mar.”

b) *Antologia Palatina*, VII. 534:

“Homem, cuida da tua vida e não sejas marinheiro fora da estação; mesmo assim o homem não tem uma longa vida. Infeliz Cleonico, mercador, apressavas-te tu a ir para a rica Tassos, mercador vindo da Celesíria, ó Cleonico! Atravessando o mar, mesmo ao esvair da Plêiade, mergulhaste ao mesmo tempo que a própria Plêiade.”

c) *Antologia Palatina*, VII. 495:

“Funesta aos marinheiros é a viagem sob Arcturo. Devido a uma tempestade de Bóreas, causou a Aspásio, diante de cujo túmulo passas, viajante, um amargo destino. O mar escondeu-lhe o corpo, coberto pelo mar Egeu. É sempre lamentável a morte de jovens, mas no mar são inúmeros os funerais de uma navegação muito chorada.”

d) *Antologia Palatina*, VII. 286:

“Infortunado Nicanor, consumido pelo mar espumoso, jazes, nu, numa praia estrangeira, ou nalgum rochedo; partindo, perdeste aquelas ricas moradas, bem como a esperança da pátria, Tiro. Nenhum dos teus bens te foi entregue. Ai, infeliz, estás morto, sofrendo com os peixes e com o mar.”

e) *Antologia Palatina*, VII. 305:

“O pescador Diotimo que, tanto nas ondas como em terra, tinha uma mesma barca fiel para abrigo da sua pobreza, adormecendo profundamente chegou ao implacável Hades, remando, levado pela sua barca. Com efeito, aquela que deu ao velho consolo durante a vida, também, depois de morto, teve a útil função de pira fúnebre.”

8. Morte melhor do que a vida

a) Teógnis, I. 425-428:

“Entre todas as coisas, não ter nascido nem ver o brilho do sol ardente é o melhor para os homens; mas, uma vez nascido, atravessar o mais depressa possível as portas do Hades e jazer coberto por um monte de terra.”

b) Sófocles, *Édipo em Colono*, 1224-1227 (Coro):

“Não ter nascido prevalece sobre qualquer outra ideia. Mas quando se aparece à luz do dia, a melhor sorte a seguir é ir, o mais depressa possível, para o sítio de onde se veio.”

c) *Antologia Palatina*, VII. 715:

“Repouso longe da terra de Itália e da minha pátria, Tarento; para mim isso é mais amargo do que a morte. Isto é a vida insuportável dos que erram; mas as Musas amaram-me e, em vez de sofrimentos, tenho uma doçura de mel. O nome de Leónidas não desapareceu; os dons das Musas proclamam-no todos os dias.”

Nota final

Como se pode ver, todos estes excertos têm em comum a morte nas suas diferentes facetas. Se, para uns, a morte é um bem, na maioria das vezes, deparamo-nos com o lamento pelo fim de uma vida tão breve.

Resta apenas referir que o modo como os excertos forma apresentados está relacionado apenas com o modo como se pretende mostrar a ideia que os Gregos antigos fizeram, durante vários séculos, da morte.

Nota bibliográfica:

Anthologia Græca (verbesserte Auflage. Griechisch-Deutsh ed. Beckby, Hermann), München, Tusculum-Bücherei, Ernst Heimeran.

Anthologie Grecque (texte établi et traduit par Waltz, Pierre), Paris, Les Belles Lettres, 1931-1974.

Epicurea (edidit Usener, Hermannus), Stuttgart, B. G. Teubner, 1966.

Eurípides, *Euripide* (texte établi et traduit par Méridier, Louis), Paris, Les Belles Lettres, 1958-1960 (vols. 1 e 2).

Eurípides, *Euripide* (texte établi et traduit par Parmentier, Léon, et Grégoire, Henri), Paris, Les Belles Lettres, 1964-1965 (vols. 3 e 4).

Eurípides, *Euripide* (texte établi et traduit par Grégoire, Henri, et Méridier, Louis, avec la collaboration de Chapoutier, Fernand), Paris, Les Belles Lettres, 1961 (vol. 5).

Eurípides, *Euripide* (texte établi et traduit par Grégoire, Henri, avec le concours de Meunier, Jules), Paris, Les Belles Lettres, 1961 (vol. 6).

Eurípides, *Euripide* (texte établi et traduit par Jouan, François), Paris, Les Belles Lettres, 1983.

Eurípides, *Euripides* (with an English translation by Way, Arthur S.), London, William Heinemann, Loeb Classical Library, 1962-1966 (4 volumes).

Homero, *L' Odyssee* (texte établi et traduit par Bérard, Victor), Paris, Les Belles Lettres, 1947-1955 (3 volumes).

Sófocles, *Tragédies. Théâtre Complet* (présentation et traduction de Mazon, Paul, notes de Langumier, René), Paris, Les Belles Lettres, 1962.

Sófocles, *Sophocles* (translated by Storr, F.), London, William Heinemann, Loeb Classical Library, 1961-1962.

Teógnis, *Poèmes élégiaques* (texte établi, traduit et commenté par Carrière, Jean), Paris, Les Belles Lettres, 1975.